



Na Rota das Especiarias, desenhos de João Queirós

1. Nesta viagem, José Eduardo Agualusa começa por apresentar uma comparação entre ilhas. Como as caracteriza?
2. Díli motivou impressões de desalento no escritor-viajante. Justifica-as.
 - 2.1. Interpreta a alusão metafórica entre parênteses que subintitula o primeiro fragmento textual: “(Entre naufragos)”.
 - 2.2. Que semelhanças existem entre Díli e Luanda, a capital do seu país de origem?
3. No momento da partida, a perspetiva do viajante é francamente otimista. Porquê?
4. “Deus está finalmente *on* sobre os céus de Timor”. Imagina-te na pele de um visitante a Timor em 2030. Regista, sob a forma de um diário de viagens, as impressões que este país, que constitui atualmente ainda a possibilidade de “um oásis de prosperidade”, poderá causar. Sugerimos que, para enriquecer o teu relato, incluas desenhos que ilustrem e complementem as tuas palavras.
5. Comenta os desenhos de João Queiroz que acompanham o registo escrito da viagem, tendo em conta as informações que acrescentam ao texto verbal.

i

O **diário de viagem** agrupa relatos de experiências em torno de viagens. Os primeiros registos aparecem a partir do século X, no Japão, como testemunho das viagens a que se submetiam padres e oficiais. Incluíam, frequentemente, prosa narrativa e descritiva, bem como poesia, e era um género altamente reconhecido pelo seu valor histórico e literário. O diário de viagem, muito comum nos séculos XV-XVIII, trazia informações sobre a geografia específica, possibilidade de rotas, fauna e flora, mas também curiosidades sobre os povos nativos e a expressão de sentimentos associados a cada uma das experiências. Os Descobrimientos Portugueses, por exemplo, geraram um conjunto de textos, entre os quais os diários, incluídos naquilo a que se convencionou denominar “literatura de viagens”.

1. Lê o seguinte poema:

Paisagem

- 1 No fundo
Além da fortaleza sonhadora,
das acácias em flor,
a cidade espalhada em colinas,
5 da cascata de vidros nas encostas,
do voo disparado daqueles patos
e do calor da tua mão,
no fundo,
feito paisagem indiferente,
10 o ruído do mar.
Monótono, constante, distraído,
marcando-me o compasso ao pensamento.
E o pôr do sol, as nuvens cor de fogo,
a cinza abrasada, um dongo na baía,
15 a fortaleza debruçada, além,
como espreita para além do mar...
Toda a beleza cálida me fere,
só porque o mar,
monótono, indiferente,
20 repete aquelas frases, cáusticas, brutais,
que eu trouxe no meu peito com vinte anos
os versos de combate,
o meu olhar altivo,
as horas de visão
25 e os passos muito incertos e tão fortes
que eu sentia no rumo do futuro.

- Há uma sombra no céu
e uma névoa nos meus olhos.
As janelas apagam-se em penumbra,
30 o dongo atravessou a água mansa
e a tua mão aquece a minha mão.
E a tua mão aquece a minha mão.
Crispas os dedos, sentes esta angústia:
a beleza completa-se com dor.
35 Ao fundo, o mar,
o mar que nos embala e nos conforta,
o mar...
Ó meu amor, e diz,
eu ouço, ele diz,
40 que a alma não está gasta,
a ânsia não está morta,
se os olhos são capazes de chorar!

Cochat Osório,

<http://poeticasempportugues.blogspot.com/search/label/Cochat%20os%C3%B3rio%28Timor%29>



1. Identifica os elementos da natureza que compõem a paisagem descrita no poema.

1.1. Associa a cada um desses elementos um adjetivo que se coadune com a mensagem do poema.

2. Transcreve expressões textuais que exprimam as diversas sensações com a ajuda deste esquema, depois de o copiares para o caderno:

Visuais	Auditivas	Táteis

3. Refere os sentimentos que a contemplação desta paisagem desperta no sujeito poético.

3.1. Que circunstâncias de vida estarão na origem desses sentimentos?

3.2. Identifica o recurso estilístico presente no verso “e os passos muito incertos e tão fortes”, e comenta o seu valor expressivo.

4. Comprova que o poema se organiza em função de uma analepse.

4.1. Esclarece os efeitos contrastantes (*antes e agora*) sugeridos na descrição do mar.

4.2. Menciona os traços da personalidade do sujeito poético em ambos os momentos.

4.3. Em que medida se pode afirmar que a passagem do tempo não atenuou as convicções do sujeito poético?

5. Explica a dimensão metafórica dos versos “Há uma sombra no céu / e uma névoa nos meus olhos” (v. 37)

6. Pesquisa o significado do termo **écfrase**.

6.1. Parece-te que este poema apresenta uma dimensão ecrástica? Justifica.

7. Seleciona uma fotografia ou um desenho que possa ilustrar o cenário descrito no poema.

7.1. Associa-lhe uma legenda expressiva.

8. Interpreta a mensagem contida no verso “a beleza completa-se com dor” (v. 34).

Atividade 19 (outras paisagens...)

Porta de Sol

I

- 1 Das colinas de colmo
com portas de sol
Descem crianças
nuas e magras
- 5 como violas
As costelas dentro das cordas
Todas
primogénitas
do mesmo ventre
- 10 E filhas
Do mesmo vulcão E da mesma viola
Da mesma rocha E do mesmo grito

II

A ilha roda no rosto da criança
Com a “vareta presa” na roda do vento

III

- 15 Nem sempre
A criança respira
um pulmão
roto de mapas
E assim
- 20 como as ilhas
Ao pôr do Sol
Se alimentam
de fonemas
Cada criança
- 25 É ditongo de leite
com sangue nas vogais

Corsino Fortes, *A Cabeça Calva de Deus*



1. Transcreve os elementos textuais que caracterizam o espaço físico desta (outra) paisagem.
2. Atenta nas crianças e retrata-as de acordo com o olhar do sujeito poético.
3. O sujeito poético visualiza artisticamente “as ilhas” e “Cada criança”. Que sentimentos estão implícitos nesta transfiguração poética?
4. Relaciona o título com a mensagem do poema.
5. Comenta a expressividade visual da mancha tipográfica desta composição poética.

Atividade 20 (outras paisagens...)

Monangamba

1 Naquela roça grande não tem chuva
é o suor do meu rosto que rega as plantações:

Naquela roça grande tem café maduro
e aquele vermelho-cereja

5 são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado,
pisado, torturado,
vai ficar negro, negro da cor do contratado.

Negro da cor do contratado!

10 Perguntem às aves que cantam,
aos regatos de alegre serpentear
e ao vento forte do sertão

Quem se levanta cedo? Quem vai à tonga?
Quem traz pela estrada longa

15 a tipoia ou o cacho de dendém?
quem capina e em paga recebe desdém
fuba podre, peixe podre,
panos ruins, cinquenta angolares,
“porrada se refilares”?

20 Quem?

Quem faz o milho crescer
e os laranjais florescer
– Quem?

25 Quem dá dinheiro para o patrão comprar
máquinas, carros, senhoras
e cabeças de pretos para os motores?

Quem faz o branco prosperar,
Ter barriga grande – ter dinheiro?
– Quem?

30 E as aves que cantam,
os regatos de alegre serpentear
e o vento forte do sertão
responderão:

“Monangambééé...”

35 Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras
Deixem-me beber maruvo, maruvo
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras
“Monangambééé”

António Jacinto, in *50 Poetas Africanos* (org. de Manuel Ferreira)



1. Assinala com uma cruz a afirmação que te pareça mais correta:

1.1. Monangamba trabalha e em troca recebe...

- a) ... muito dinheiro.
- b) ... sobrançeria e benefícios insignificantes.
- c) ... elogios do patrão.
- d) ... remuneração justa pelo seu trabalho.

1.2. A única referência eufórica no texto consiste na alusão ...

- a) ... a máquinas, carros, senhoras.
- b) ... ao vento forte do sertão.
- c) ... à bebida.
- d) ... aos elementos da natureza.

1.3. “O café vai ser torrado, / pisado, torturado” (v. 6) é uma expressão que...

- a) ... indica o processo de transformação do café.
- b) ... simboliza o sofrimento do “contratado”.
- c) ... mostra que o “contratado” é dono do café.
- d) ... traduz o atraso da tecnologia em África.

1.4. “Quem faz o branco prosperar” (v. 27) sugere que...

- a) ... o patrão é muito pobre.
- b) ... o branco é solidário.
- c) ... o patrão tem um vasto património.
- d) ... o patrão é um habitante de Portugal continental.

1.5. No final do poema, o sujeito poético manifesta o desejo de...

- a) ... ser livre.
- b) ... ir para a taberna.
- c) ... ir à caça.
- d) ... ter férias.

1.6. Os recursos estilísticos presentes na expressão “aos regatos de alegre serpentear” (v. 31) são...

- a) ... metáfora e comparação.
- b) ... personificação e metáfora.
- c) ... personificação e comparação.
- d) ... antítese e comparação.

2. Transcreve as expressões textuais que permitem identificar o espaço a que o poema faz referência.

3. Descreve o estado emocional do sujeito poético.

4. Enumera as tarefas desempenhadas por Monangamba, o “contratado”, na roça.

5. Sugere outro título para o poema, justificando a tua opção.

6. Na Declaração Universal dos Direitos do Homem, lemos, no art.º 2: “Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação”.

6.1. Expõe a tua opinião sobre a importância deste documento na defesa do respeito pela condição do ser humano.

7. Pesquisa informação sobre a vida e a obra de Corsino Fortes, de António Jacinto e outros poetas da comunidade da língua portuguesa.

7.1. Organiza uma antologia poética por autor e país.

7.2. Em trabalho de turma, prepara um festival de poesia, declamando os poemas reunidos nessa antologia.

i

Declamação

Preparação	Ensaio	Realização
Ler silenciosamente; Compreender e interpretar a mensagem.	Ler em voz alta, exercitando a correspondência entre a expressão escrita e a execução oral.	Declamar o poema perante um público.

Aspetos a considerar na declamação

Dicção	Entoação	Posição da voz	Expressão corporal
pronúncia clara e correta dos sons vocálicos e consonânticos, interpretando o sentido dos vocábulos, a pontuação ou a sua ausência, as interjeições e as onomatopeias, os diversos sentimentos e estados, ...	alto e/ou baixo; forte/fraco	rápido e/ou lento; ascendente/ descendente; valorização das pausas	contração/descontração dos músculos faciais; expressividade do olhar; posicionamento da cabeça; movimentos e gestos contidos/discretos ou expansivos/exuberantes.

1. Escreve um texto, em prosa ou em verso, sobre a tua cor preferida, referindo as memórias, as sensações e os sentimentos que a mesma evoca. Não te esqueças que uma atividade escrita deve ter em conta a planificação prévia (esquema das ideias e sua organização) e a revisão (leitura do texto e, caso seja necessário, correção e/ou reformulação de algumas partes).

i

Simbologias cromáticas

Branco – síntese de todas as cores, simboliza a pureza de alma; é a cor da paz e da perfeição. Pode simbolizar a candura e a claridade mas, ao mesmo tempo, a palidez, a frieza e a esterilidade.

Preto – cor que absorve as demais, é o símbolo da escuridão, da interrupção da vida, do sofrimento, da dor, do silêncio, do abismo, do medo.

Vermelho – cor do fogo, do perigo e da paixão, simboliza a coragem e a vitalidade e, no Oriente, representa a felicidade.

Laranja – cor do aconchego e do bem-estar, simboliza o otimismo, a generosidade e o equilíbrio.

Amarelo – cor do sol e da luz, símbolo de riqueza e de alegria.

Verde – relacionada com a natureza, princípio e fim de tudo, representa o equilíbrio, a juventude, a prosperidade e a esperança.

Azul – cor da purificação e da busca da verdade interior; é a cor do mar e do céu e pode exprimir aproximação ou distanciamento. Simboliza a serenidade, a harmonia, o amor e a fidelidade.

Anil – cor da espiritualidade em sintonia com a matéria; remete para a racionalidade e exprime reserva e introversão. Tal como o azul, simboliza a fidelidade.

Violeta – cor energia cósmica, da alquimia, da magia, da espiritualidade, da intuição e da inspiração. É símbolo da transformação e da profundidade.

Rosa – é o símbolo do amor e do coração, resultando da combinação da pureza do branco com a força do vermelho.

Castanho – representa a terra, a solidez e a estabilidade.



1. Observa atentamente as duas telas, assinadas por dois artistas plásticos timorenses.



Quadro A – Abe, *Katuas*



Quadro B – Natalino, *Futuro Naroman*

2. Procede à leitura das imagens, copiando para o teu caderno os seguintes parâmetros:

	Aspetos da personagem (rosto, cabelo, olhar, vestuário, ...)	Aspetos da técnica pictórica (contraste luz/sombra, relação cor/luz, ...)
Quadro A		
Quadro B		

2.1. Destaca a expressividade dos constituintes plásticos – cores, traços, formas, texturas – de cada um dos retratos.

2.2. Estabelece as semelhanças e as diferenças entre as duas personagens retratadas.

2.3. Comenta os títulos atribuídos às pinturas, explorando as sensações e os sentimentos que sugerem.

3. Redige uma *estória*, cujo protagonista seja a figura de um dos dois retratos à tua escolha.

Estória

Pretendendo marcar o caráter de ficcionalidade de uma narrativa, alguns escritores utilizam este neologismo, em oposição à história, que teria maior comprometimento com a realidade. *Grosso modo*, estória corresponderia ao inglês *story*, que se opõe a *History*, a historiografia, e costuma apresentar também o aspeto da brevidade (*short story*).

No entanto, há que considerar ainda três outros traços que marcam este conceito: o cariz popular, a oralidade e uma certa aura de maravilhoso. Foi assim que o termo apareceu pela primeira vez, em 1962, aquando do lançamento do livro de contos de Guimarães Rosa – *Primeiras Estórias*. Nestes ressalta o esforço do escritor em valorizar a palavra, em criar uma linguagem adequada à representação do mundo mítico do sertão, para o que utiliza arcaísmos e termos de sabor popular, como estória.

Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa, vol. 2



1. Observa a pintura, da autoria de Tony, e responde às questões, selecionando as opções corretas:



Tony, *Tais ho Kalbauk*

1.1. O quadro representa um ambiente:

- a) interior
- b) exterior
- c) abstrato

1.2. O conjunto pictórico destaca:

- a) máscaras do quotidiano
- b) a graduação cromática
- c) o universo identitário de um povo

1.3. Neste quadro, evidenciam-se:

- a) rostos e figuras humanas
- b) símbolos da cultura de Timor
- c) a geografia do país

1.4. O pintor privilegiou:

- a) o plano de fundo
- b) o primeiro plano
- c) o lado direito

2. Sobre o quadro em causa, escreve três frases apreciativas, incluindo em cada uma delas as seguintes palavras – enquadramento, harmonia, realce.

3. Pronuncia-te sobre as figuras, os traços, as cores e os contrastes e explica em que sentido a imagem constitui um símbolo da identidade timorense.

4. Pesquisa informação sobre o pintor que assina esta tela.

4.1. Redige a sua biografia.

4.2. Apresenta uma interpretação pessoal e fundamentada sobre a sua obra, tendo em conta os temas e os mundos sugeridos, bem como as cores predominantemente utilizadas e respetivas simbologias.

1. Se a leitura de imagens depende, em boa parte, do sentido da visão, conjectura sobre as formas como as pessoas invisuais poderão desfrutar das artes pictóricas.
2. Imagina as respostas possíveis para as perguntas “De que cor é o vento?”, “Porque é que a pintura é bela?” ou “O que se pode contar das nuvens e do sol?”.
3. Lê atentamente o seguinte texto:

Um percurso tátil

1 “Diga-me de que cor é o vento”. Esta pergunta, feita por uma rapariguinha cega, fez-me um dia desejar que as crianças cegas visitassem o museu em que trabalhava e encontrar, com elas, respostas para as suas perguntas difíceis: porque é que a pintura é bela? O que se pode contar das nuvens, do sol, do vento?

5 Descobrimos então que os nossos cinco sentidos balbuciam mal, enquanto elas, com os seus quatro sentidos, chegam a maravilhas que são tantas outras lições: encontrar o traço de um cheiro, ler um sorriso com as pontas dos dedos, ouvir a fadiga de uma voz ou a sua ternura. Raros são os museus que atraem os cegos. E muito raros são os que têm a sorte de aprender, graças a eles, a ver com os olhos fechados, a medir o volume de uma peça pelo barulho das chaves na algibeira, a descobrir que as crianças cegas são alegres, que não lhes interessa a nossa piedade – a que as encerra na sua cegueira – mas que é possível partilhar com
10 elas alegremente a vida, tal como ela se nos revela: cheia de riscos a assumir e rica de experiências.

Esta é a história desta exposição construída como um *puzzle*, com escultores, animadores, cegos, arquitetos, investigadores, pais, médicos, cada um deles trazendo o que tinha: uma boa ideia, um jogo, uma indicação bibliográfica, um labirinto, uma caixa de velocidades desmontável, bolas de argila, texturas de fio, uma escultura, um conto, um riso, uma página de Braille, e o dinheiro que nos faltava apesar de todas as
15 boas vontades (...).

Limitar esta exposição à visita de deficientes visuais seria trair o objetivo de uma Educação pela Arte, relativamente à integração social da globalidade das crianças.

Concebida para crianças, é uma exposição para todos (e não apenas para invisuais), aberta a experiências diversas sobre diversas formas de VER e constitui um estímulo à pesquisa interna do museu para a recriação
20 de modelos de animação que garantam, cada vez mais, a acessibilidade das suas coleções. Tratando-se de uma exposição mista – as obras de Arte Contemporânea incluem-se num conjunto de outras secções – e intencionalmente articulada para um “percurso tátil”, entende-se que a pedagogia que a enforma e as explorações didáticas que a animam são fundamentais à desejável utilização do público”.

Catálogo referente à exposição “As Mãos Livres”, em Lisboa, em 1980,
(na sala de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian).

- 3.1. Tendo em conta o texto que acabaste de ler, explica a diferença entre os verbos **OLHAR** e **VER**.
- 3.2. Transcreve do dicionário a definição da palavra “deficiente” e debate, com os teus colegas, a abrangência desse conceito.
- 3.3. Reflete sobre estratégias possíveis para a construção de um mundo cada vez mais inclusivo.